

Os intercessores e a amizade na escrita e leitura: possíveis, hoje?

Intercessors and friendship and writing and reading: possibilities, today?

Flávia Cristina Silveira Lemos; Dolores Galindo; Geise do Socorro Lima Gomes; Daiane Gasparetto da Silva; Vilma Nonato de Brício

Universidade Federal do Pará; Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO:

Este artigo visa a analisar a importância da amizade filosófica na escrita e leitura. O pensar pode ser realizado pela conversa e intercessão entre acontecimentos, bem como pelo problematizar práticas pelo dispositivo da amizade. Inventar maneiras e estilos de existência pressupõe o pensamento encarnado e a história enquanto vetores de singularização e ruptura com a cristalização das formas de existir e dos modos de ensinar, de estudar e de se relacionar. Interrogar o individualismo e o modo indivíduo em prol da produção do comum, mesmo na solidão, é uma tática de resistência, no presente. A dramática da prescrição do trabalho não impede a criação pela problemática do ato de perguntar e colocar em xeque as maneiras definidas de realizar cada ato e de efetuar a abertura de novos campos de possíveis.

Palavras-chave: intercessores; História; acontecimentos; amizade.

ABSTRACT:

This article aims to analyze the importance of philosophical friendship in writing and reading. Thinking can be accomplished by conversation and intersection between events and by questioning practices at Friendship device. Invent ways and styles of existence presupposes the incarnate thought and history while singling vectors and break with the crystallization of the forms of existing and ways of teaching, study and relate to. Interrogate the individualism and the way individual for the sake of the common production, even in solitude is a tactic of resistance, in the present. The dramatic labor limitation does not prevent the establishment by the problem of the act of asking and put into question the ways set out to perform every act and make the opening of new fields of potential.

Key-words: intercessors; History; events; friendship.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo analizar la importancia de la amistad filosófica en la escritura y la lectura. Pensamiento se puede lograr mediante la conversación y la intersección entre los acontecimientos y por cuestionar las prácticas en el dispositivo de

la Amistad. Inventar formas y estilos de existencia presupone el pensamiento encarnado y de la historia, mientras que singularizar vectores y romper con la cristalización de las formas de las aplicaciones existentes y formas de enseñanza, el estudio y relacionarse. Interrogar al individualismo y la forma individual por el bien de la producción común, incluso en la soledad es una táctica de la resistencia, en el presente. La limitación de la mano de obra dramática no impide el establecimiento por el problema del acto de pedir y poner en cuestión las formas establecidas para llevar a cabo todos los actos y hacer la apertura de nuevos campos de potencial.

Palabras-clave: intercesores; Historia; eventos; amistad.

Notas iniciais

Este artigo visa a pensar a amizade como dispositivo de ensino, estudos, pesquisas, participações em movimentos sociais, criações de artifícios estéticos, éticos e corporais, para tentar resistir a uma vida fascista, de maneira que “[...] a luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose” (DELEUZE, 2005: 113).

Os saberes e as relações de força presentes na amizade efetuam potências de formação de perguntas, instigando o pensar e o experimentar as intensidades vitais de singularização, as quais somente pela abertura de múltiplas entradas e saídas efetuariam deslocamentos existenciais, corporais e no pensamento, correlatamente. Espinosa denominou “paralelismo” esse processo de crítica à causalidade e de proposição imanente entre corpo, ética, estética e o pensar, segundo Deleuze (2002).

Podem as experiências ética, estética e política ser agenciadas como um objetivo de a amizade operar na diagonal das forças heterogêneas, no cotidiano da vida acadêmica marcado pela encomenda de velocidade (STENGERS, 2012)? A ética vivida pela avaliação dos encontros e dos seus efeitos; a estética, em termos de invenção de práticas com a criação de novos modos de estar no mundo; e a política, pelo fato de que todo ato move um campo de forças, gerando ressonâncias na transformação dos corpos, nas subjetividades e nos saberes (DELEUZE, 2005).

Como conciliar tais ética, estética e política ao imperativo das avaliações de mérito governadas pela lógica da produtividade, em detrimento da qualidade, do rápido, em detrimento do lento, do impactante, em detrimento do suave?

Amizade, escrita, quantificação: subjetividades em revolta

Ler e escrever são intercessores na amizade filosófica, ou seja, na conexão de forças pelos encontros, pois, conforme Deleuze e Guattari (2000), a literatura é

agenciamento e máquina de composições e variações e mapas, os quais são desenhados sem imitação e representação de algo anterior. Nesse aspecto, há invenção e não significados na obra lida e escrita. Essa noção abre fissuras nas práticas educativas pela problematização da reprodução dos saberes por meio das práticas de fazer perguntas.

Mas, como os atos de escrever e ler podem ser acionados como modo de vida, sem cair nos agenciamentos que fazem da amizade um ofício, objeto de medidas dos cálculos de produtividade científica das redes de colaboradores? A escrita, como intercessor, desliza para indicadores de cooperação, indicadores de liderança científica, os quais nos devolvem estilhaços do que foi delineado. Talvez uma linha de fuga esteja em certa postura cínica quanto à medida da ciência pelos indicadores de produção, que não a nega, mas a ignora como intercessor na escrita.

Os saberes e poderes se deslocam para além da ciência e não ficam restritos aos discursos autorizados pela pesquisa acadêmica, porque os saberes científicos estão em tensão e entrecruzamento com outros discursos, em um diagrama produtor de um mapa das forças, em relação permanente. Assim, Foucault (1979) apontava como analítica a resistência dinâmica de saber-poder e subjetividade.

Segundo Ortega (1999), a amizade é primordial ao viver e sustenta o aprendizado da filosofia e a relação mesma em que essa se constitui. Através dela, é possível resistir às tentativas de escravidão e tutela que visam a minorizar a atitude crítica, já que a ausência da amizade dificulta o pensar, problematizando os acontecimentos historicamente pelas perguntas que desnaturalizam os saberes apresentados como definidos (GROS, 2014).

Ou, ainda, a práticas as quais instauram processos de subjetivação rebeldes, os quais escapam aos dispositivos de normalização dos saberes constituídos. Tratemos, por conseguinte, de alguns vetores importantes nos processos de subjetivação que insistem na amizade filosófica na prática da escrita acadêmica: ativar palavras fora da ordem do rebanho; nomadizar a amizade; forjar máquinas de guerra para escapar a microfascismos; potencializar os corpos.

É nesse âmbito das práticas que Deleuze (1992: 156) afirmava: “[...] eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê”. São muitos os enunciados coletivos que atravessam um texto e muitas vozes que falam sem se submeterem a um

autor, o qual é apenas um ponto de agenciamento das forças e não uma consciência que cria a partir do vazio.

Na amizade, através do elogio ao prazer, multiplicam-se os campos de possibilidade de relacionamentos e, conseqüentemente, de surgimento de novas subjetividades. A amizade, por isso, é a expansão das relações, de qualquer relação, para além de supostas codificações (CARDOSO JÚNIOR; NALDINHO, 2009, p. 53).

Ativar palavras fora da ordem do rebanho

Acontecimentos enquanto intercessores e a possibilidade de problematizá-los constituem condição de conversação, garantindo a resistência pela singularização, na trama mesma de intrigas em que o processo de diferir ocorre. Estão equivocados aqueles que consideram a comunicação consensual pela menor presença dos processos de singularização como relevante para a existência da pluralidade, pois o comum é um movimento, para Agamben (2013), e não o ato de pertencer a uma comunidade pela tradição e identidade.

Assim, Farge (2011) ressalta a relevância de uma conversa coletiva sem unidade, ou seja, a intercessão (entremeios) que opera pelo nomadizar das conexões de acontecimentos. Só há singularização, porque se materializam a descontinuidade temporal e espacial, pelas quais os entrecruzamentos de saberes e de poderes se entrecruzam, mesmo quando se está só – na medida em que toda solidão é povoada, como bem assinalou Deleuze (1992).

O fato de existir uma amizade, no plano da confissão e expiação, não significa forjar planos de rebeldia, porque é o dissenso da tensão, na amizade filosófica que permite a problematização, o formular perguntas: “[...] coletivizar: acessar/produzir o plano coletivo das forças; ação de constituição do comum, do impessoal” (ESCÓSSIA, 2012: 53).

Nomadizar a amizade para além da confissão

A amizade favorece o pensamento e, ao mesmo tempo, o filósofo é amigo do saber, de acordo com Deleuze e Guattari (2013). Enquanto a Filosofia opera com personagens conceituais, a arte o faz com seres de sensação, a ciência por meio de funções, como salientam Deleuze e Guattari – no livro *O que é Filosofia?* – em uma tentativa de criar passagens entre conceitos, percepções e práticas imanentes. Contudo, sabemos que arte e ciência, filosofia e arte, ciência e filosofia estão longe de atuar como

saberes puros, mesclando-se em atos de criação. De qual amizade falamos? Daquela que é interna ao pensar:

A amizade, falando com mais propriedade, é uma condição *interna* ao pensar, no sentido definido por Deleuze e Guattari, como "presença intrínseca ao pensamento". Somente enquanto os amigos da sabedoria estão em posição de uma conversa libertária, isto é, estabelecem entre si certa disputa quanto à verdade de um tema ou conceito, pode-se dizer que há filosofia e aprendizado. Não pode haver pensamento sem o amigo (CARDOSO JÚNIOR, 2007: 35).

Impõe-se a partilha de alguns efeitos da amizade como experimento que não cessa de se inventar, sendo que sua aposta constante é na constituição de conversações, pois, de acordo com Deleuze (1992: 156), “[...] o essencial são os intercessores”. Os vários corpos são encontros e atravessamentos de intensidades e extensas matérias criativas de vetores propiciadores da diferenciação, vetores nômades.

É possível nomadizar sem sair do lugar e o fazer viajando de maneiras as mais variadas, conforme Deleuze e Guattari (1997). Uma delas é pelo dispositivo da amizade como operador de intercessão, de amizade e cuidado, a fim de fazer valer um pensamento anarquista, ao invés de uma lógica de rebanho, conforme Foucault (2010). Para expandir a amizade filosófica é preciso forjar a produção da liberdade, em um pacto parresíástico do falar verdadeiro e franco, no qual o desentendimento não finaliza a relação, ao contrário, a amplia sobejamente e possibilita experiências que não se limitam a uma sociedade de falantes:

A amizade como marca da filosofia significa que tal relação surge a partir do próprio pensamento. O amigo é produzido por uma relação que se dá a partir do plano dos conceitos. Trata-se de um plano impessoal. O plano dessa amizade – que denominaremos doravante de *amizade do conceito* – é impessoal e, ao mesmo tempo, altamente diferenciável (CARDOSO JÚNIOR, 2007: 34).

Ler e escrever; escrever e ler são pistas de Foucault (2004), baseado nos filósofos da Antiguidade greco-romana. Apenas ler sem parar, e bastante, produziria dispersão, conforme as indicações dos exercícios do pensamento. Assim, ler em revezamento com a escrita seria mais interessante para problematizar e dar corpo ao material lido. Nesse sentido, Sêneca (2014) alerta:

Devemos evitar apenas escrever e apenas ler, pois se só escrevemos, esgotaremos nossas forças (falo do trabalho da escritura), enquanto somente escrever fará com que se diluam. É necessário passar de um exercício para outro com justa medida, a fim de que a escritura organize tudo que foi recolhido com a leitura” (SÊNECA, 2014: 80).

Diante de contextos de disputa, delinea-se o imperativo de fazer frente às minúcias as quais tendem a fragilizar os espaços de debate, principalmente em função do desejo de afirmação do coletivo enquanto arma de combate aos fascismos de nosso tempo. O fascismo não é uma figura da representação jurídica ou de um sujeito essencialista, mas um efeito de agenciamentos totalitários, atravessando os corpos sem mediação ética da avaliação histórica das condutas.

Forjar máquinas de guerra para vidas não fascistas

Foucault (1996) adverte que o fascismo não ficou retido nas figuras de Hitler e Mussolini, estando presente em vários momentos da história e em todos nós. Tal analítica aponta para a importância do posicionamento crítico pela perspectiva ética de existência, ou seja, de estarmos atentos às nossas condutas, que, atravessadas por demandas de todo tipo, podem se atrelar à lógica de um trabalho que se faz solitário por rancor.

Na construção de campos da experiência do comum, vale ir pela direção do ato que permita descentrar unidades de um sujeito individual e/ou coletivo para dar lugar ao plano do impessoal das enunciações históricas que se afirmam por posições de sujeitos, sem nelas ganhar autoria e entidades da consciência. Trata-se de produzir ressonâncias caóticas e híbridas, tais como um caleidoscópio de enunciados e visibilidades, efetuados pela composição dos agenciamentos coletivos do desejo. Assim, nas práticas de escrita, por exemplo, são vias de trânsito para o que vaza na esfera social, dando visibilidade aos arranjos discursivos e não discursivos os quais não estão concentrados no modo indivíduo de ser.

Escrever, fazer rizoma, aumentar o seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata. [...] Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (DELEUZE; GUATTARI, 2011:28-30).

Nessa direção, por meio da insurreição, é possível indagar sobre as maneiras do constituir estilos de vida, de pensar e de agir. Para tanto, é fundamental “[...] ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro” (FOUCAULT, 1979: 171). E “ter um saco onde ponho tudo o que encontro, sob a condição de que eu também seja posto num saco. Descobrir, encontrar, roubar, em vez de resolver, reconhecer, julgar. Porque o reconhecimento é o

contrário de um encontro. Julgar é a profissão de muitos, e não é uma boa profissão, mas é também o uso que muitos fazem da escrita. Antes varredor do que juiz (DELEUZE, 2004: 19).

Nesse jogo de varredura, os pedaços que se juntam acabam por compor outros quadros que não tentam reconstituir uma totalidade, mas fazer das emendas práticas de criação descontínuas, de interlocução entre aqueles que trazem de diferentes lugares, de tecidos diversos, para a costura da escrita. Emergem singularidades, como a arte que se faz no cotidiano pela produção de belezas sutis, impulsionadoras de ações que reluzem em seus efeitos de afirmação da vida e dos vínculos.

Por essa via, a amizade possibilita a experimentação de estilos artísticos, na medida em que materializaria a potência estética, em textos de Foucault, Deleuze e Guattari, além do fato de ativar o que há de diverso em vários participantes envolvidos com a dança, a música, o teatro, a poesia, a fotografia, a comunicação e a organização de saraus. Nessa perspectiva, os coletivos culturais e políticos também se tornaram éticos, em avaliações das práticas exercidas e dos seus efeitos cotidianos.

A estética era um vetor que fazia parte dos corpos e os constituía para além da amizade e com a amizade enquanto um dispositivo de subjetivação, de fazer-se e deslocar-se com os estudos e pesquisas realizadas. Algo tal como Corazza (2012) denominou *artistagem* ocorria, sem a pretensão de fazer algo erudito e profissional de um mercado das artes, pois a proposta era a elaboração de si e o cuidado com os outros, em uma tentativa de forjar a educação como estilística da existência.

Realizada dessa forma, a amizade passa a efetuar certa profanação da pedagogia, pela interrogação da dureza da burocracia acadêmica hierarquizada. Havia um ensaio do que Larrosa (1998; 2004) classificou de *Pedagogia Profana*, na qual a educação libertária não deveria estar centrada na sala de aula e na burocracia das horas reguladas cronologicamente, das listas de presença, das provas, das lógicas de acúmulo da informação, de um currículo tecnicista e da centralização das decisões na cúpula universitária. “A noção de transdisciplinariedade subverte o eixo de sustentação dos campos epistemológicos, graças ao efeito de desestabilização tanto da dicotomia sujeito/objeto quanto da unidade das disciplinas e dos especialismos” (PASSOS; BARROS, 2000: 76).

“As conexões fazem funcionar a potência do comum” (ESCÓSSIA, 2012: 55). Esse comum é um processo de coletivizar e criar rizoma, formar mapas por trajetos e

travessias através de encontros, variações e variáveis. “Todo discurso tem uma relação de coexistência com outros discursos com os quais partilha enunciados, conceitos, objetivos, estratégias, formando séries que devem ser analisadas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009: 235).

Segundo Agamben (2007), na profanação há a restituição “[...] ao uso comum dos homens” (p. 65) daquilo que estava de algum modo vinculado ao sagrado, o que indica a possibilidade de recriação dos espaços e gestos, corpos e falas, em virtude do interesse em tornar difusas as pretensas divisões, códigos e normas os quais costumavam distanciar os corpos de suas potências inventivas. Assim, profanar a pedagogia é romper com os modelos da didática e das metodologias prontas e consumidas enquanto formas reproduzidas de subjetividades.

Será possível fazer a língua gaguejar sem confundi-la com a fala? Tudo depende, na verdade, da maneira pela qual se considera a língua: se a tomamos como um sistema homogêneo em equilíbrio, ou próximo do equilíbrio, definido por termos e relações constantes, é evidente que os desequilíbrios ou as variações só afetarão as palavras (variações não pertinentes do tipo de entonação...). Mas se o sistema se apresenta em desequilíbrio perpétuo, em bifurcação, com termos que por sua vez percorrem cada qual, uma zona de variação contínua, então a própria língua põe-se a vibrar, a gaguejar sem, contudo confundir-se com a fala, que sempre assume apenas uma posição variável entre outras, ou toma uma única direção (DELEUZE, 2013: 139).

Os encontros da amizade e entre amigas ocorrem pela emergência da diferença em práticas libertárias anárquicas, nas quais a experimentação dos deslocamentos das táticas ganha espessura inventiva, em alquimias nada unitárias e muito menos consensuais. A amizade filosófica se dá pela ampliação dos intercessores e das intensidades, formando algo como uma potência de diferenciação próxima do que Corazza (2004) nomeou de estética docente.

Nesse sentido, “[...] a arte diz o que dizem as crianças. Ela é feita de trajetos e devires, por isso faz mapas, extensivos e intensivos” (DELEUZE, 2013: 88). Não é por acaso que das crianças, ao brincarem e realizarem peripécias, se diz que elas fizeram arte. Devir criança é uma forma de criar em meio aos endurecimentos sociais e culturais, pois os adultos estão muito cristalizados e domesticados, o que torna difícil pensar, inventar e expressar corporalmente as intensidades as quais pedem passagem na busca das conexões com o que difere (DELEUZE, 2004).

Potencializar os corpos

Foucault (1979) havia analisado como o corpo está marcado pela história e é uma superfície de inscrição de acontecimentos, sendo importante nunca desconsiderar a presença do corpo no ensino, na arte, na política e na avaliação ética do que um corpo pode. É possível deslocar as tradições dos antiquários e dos monumentos, em que a obra da escrita como continuidade do autor é desfigurada do ser da razão e da consciência.

Para Certeau (2011), trata-se de uma geografia em composição dos lugares e, de acordo com Deleuze (2005), se tornou uma cartografia – o mapa dos efeitos dos encontros na realização da problematização das práticas – no agenciamento da perda do sagrado, a fim de que nasça o novo e, assim, aconteça a singularização por meio do comum. Nesse aspecto, essas proposições se aproximam do comum em Agamben (2013) no que tange à possibilidade de descentrar e dissociar um sujeito-entidade para fazer proliferar as individuações.

Conforme Fuganti (1990), o corpo foi esquecido, ou melhor, retirado e silenciado da educação e da pesquisa. A separação mente e corpo, a visão do cérebro como metáfora da reflexão e do corpo como algo que atrapalharia a racionalidade se consolidou, historicamente, e tem sido perpetuada como prática de educação, no trabalho e na pesquisa (SFORZINI, 2014).

Orlandi (2004) descreveu as maneiras em que o corpo foi abordado historicamente: primeiro, o corpo como objeto da ciência; segundo, como instrumento da alma e corpo no dualismo corpo-alma, na filosofia cartesiana; terceiro, o corpo em variação do pensamento em Leibniz e em Espinosa; quarto, o corpo como experiência de corpo vivido, na filosofia fenomenológica; quinto, o corpo em meio aos saberes e poderes, em tentativas de resistir; o corpo, na intensidade do corpo sem órgãos e os encontros entre corpos.

É possível afirmar a presença dessas maneiras de o corpo ser abordado nas diversas práticas sociais do presente, entre as quais na educação e na pesquisa. Todavia, uma prática educativa libertária coloca em xeque a domesticação dos corpos e modelos de pensamento desencarnados e desapaixonados. Gallo (2003; 2012) designou essa prática como educação libertária, em que a arte na didática era mais do que instrumentalização de técnicas de ensino. A materialidade inventiva e conectiva na produção da singularidade e do pensar por agenciamentos coletivos do desejo.

Considerações finais

Vale a pena trazer a relação estabelecida por Schwartz (2000) entre o trabalho, o qual ele nomeia como vivo, e a dimensão do pensar com a solidariedade entre os trabalhadores; ou seja, poderíamos afirmar que se constitui uma amizade filosófica. Justamente, porque o ato de intervenção criativo efetua a vida na potência inventiva do trabalho imaterial; afinal, ninguém apenas reproduz ações, e é impossível se isolar completamente dos atravessamentos coletivos do desejo.

A visão mecanicista e utilitarista foi levada ao extremo pelos gestores do mercado das capacidades e da educação, materializados pela ascensão da cienciometria, e o sonho da busca dos indicadores de medição da performance científica. Todavia, o sonho de docilizar os corpos completamente nunca se tornou concreto, pelo fato de que os corpos resistem e insistem em diferenciar-se pelo pensar e pela amizade que destitui as formas de competição produtivistas extremas, mesmo diante de uma maquinaria homogeneizante das condutas e fragmentadora das relações:

Os territórios arqueológicos podem atravessar textos 'literários' ou 'filosóficos', bem como textos científicos. O saber não está investido somente em demonstrações, pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas [...]. A prática discursiva não coincide com a elaboração científica a que pode dar lugar; o saber que ela forma não é nem o esboço rigoroso nem o subproduto cotidiano de uma ciência constituída. As ciências – pouco importa no momento a diferença entre os discursos que têm uma presunção ou um estatuto de cientificidade e os que não apresentam realmente seus critérios formais – aparecem no elemento de uma formação discursiva e tendo o saber como fundo (FOUCAULT, 2009a: 222).

A individualização das atividades e a divisão entre o pensamento e os fazeres é apenas uma tentativa fadada a fracassar, pois a dramática das práticas prescritivas, as quais visam a impedir a invenção no trabalho, falha sempre, na medida em que ninguém somente obedece, por mais que os controles sejam intensos sobre os corpos e paixões nas práticas de transformação, em exercícios de si e do cuidado pela amizade filosófica.

Numa escrita que é máquina de guerra, a cienciometria opera como parasitária de uma potência cujo *phylum* está na vida. Escreve-se com intensidade, na esfera estética, ética e política, e não pelo regulamento da letra morta, instituída legalmente na burocracia organizada apenas e/ou de um empreendimento do capital do conhecimento.

Referências

AGAMBEN, G. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

- CARDOSO JÚNIOR, H. R. A amizade como paisagem conceitual e o amigo como personagem conceitual, segundo Deleuze e Guattari. *Kriterion: Revista de Filosofia*, vol. 48, nº 115, p. 33-45, 2007.
- CARDOSO JÚNIOR, H. R.; NALDINHO, T. C. (2009). A amizade para Foucault. Resistências criativas face ao biopoder. *Fractal: Revista de Psicologia*, vol. 21, nº 1, p. 43-56, jan./abr 2009.
- CERTEAU, M. de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.
- _____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. *Diálogos*. Porto: Relógio D'Água, 2004.
- _____. *Espinosa, filosofia prática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.
- _____. *Mil Platôs II: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. *Mil platôs I: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- ESCÓSSIA, L. de. Coletivizar. In: FONSECA, T.M.G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Org.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, p. 533-556.
- FARGE, A. *Lugares para a história*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2011.
- FONSECA, T. M. G.; CARDOSO FILHO, C. A. O silêncio do arquivo. In: FONSECA, T. M.G.; ARANTES, E. M. de M. (Org.). *Cartas a Foucault*. Porto Alegre: Sulina, p. 53-77.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2009.
- _____. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. da. *Michel Foucault: ética, estética e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162.
- _____. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. *Cadernos de subjetividade* (número especial sobre Gilles Deleuze). PELBART, P. P.; ROLNIK, S. (Org.). São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos de Pós-Graduados da PUC/SP, 1996.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FUGANTI, L. A. *Saúde, desejo e pensamento*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- GALLO, S. Anarquismo e educação: os desafios de uma pedagogia libertária. Política & Trabalho. *Revista de Ciências Sociais*. nº 36, p. 169-186, abr. 2012.
- _____. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte. Autêntica, 2003.
- GROS, F. Problématisation. In: BERT, J.-F.; LAMY, J. *Michel Foucault*. Um heritage critique. Paris: CNRS, 2014. p. 125-126.

- JACQUES, P. B. *Corpografias urbanas*. São Paulo: Arquitextos/Vitruvius, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 15 dez. 2011.
- LARROSA, J. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.
- LE MOS, F. C. S.; CARDOSO JÚNIOR, H. R. (2012). Problematizar. In: FONSECA, T. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Org.). *Pesquisar na diferença*. Um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 191-193.
- ORLANDI, L. B. de L. Corporeidades em minidesfile. FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (Org.). *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 65-87.
- ORTEGA, F. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A. (2000). Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinariedade. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, vol. 16, nº 1, p. 071-079, jan./abr. 2000.
- SCHWARTZ, Y. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, nº 7, p. 38-46, jul./dez 2000.
- SÊNECA, L. A. *Aprendendo a viver*. Porto Alegre: L & PM, 2014.
- SFORZINI, A. *Michel Foucault. Une pensée du corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

Flávia Cristina Silveira Lemos. Psicóloga/UNESP, Mestre em Psicologia Social/UNESP, Doutora em História/UNESP. Professora adjunta IV em psicologia social/UFPA, na graduação e na pós-graduação. Email: flaviacslemos@gmail.com

Dolores Galindo. Psicóloga/UFPE. Mestre e Doutora em Psicologia Social/PUC-SP. Professora adjunta IV de psicologia social/UFMT, docente na pós-graduação de estudos da cultura contemporânea. Email: dolorescristinagomesgalindo@gmail.com

Geise do Socorro Lima Gomes. Psicóloga/UFPA. Mestre em Psicologia/UFPA. Doutoranda em Educação/UFPA. Email: geise.gomes@hotmail.com

Daiane Gasparetto da Silva. Psicóloga/UFPA. Mestre em Psicologia/UFPA. Doutoranda em Psicologia/UFPA. Email: dai_gasp@hotmail.com

Vilma Nonato de Brício. Pedagoga/UFPA. Mestre em Educação/UFPA. Doutoranda em Educação/UFPA. Professora de Pedagogia/UFPA.. Email: briciovn@gmail.com